

APRESENTAÇÃO

Neste volume estão incluídos ensaios e artigos de distintos espaços/tempos, com foco em temáticas que articulam arte e crítica de arte, lutas de resistências de populações indígenas e quilombolas, mulheres, deslocamentos de sentidos e percepções, teatro e outras práticas culturais. O foco em linguagem, cultura e política constitui a linha mestra ou o fio condutor que alinhava o todo dos textos em uma unidade plural e diversa, evidenciando a face mais rica da *Muiraquitã* – Revista de Letras e Humanidades, ou seja, a possibilidade de nuclear palavras e pessoas diferentes, que se encontram no campo da linguagem escrita que pensa a universidade e sua produção acadêmica, sem perder de vista o viés político e o comprometimento social que devem estar na base de ação de uma instituição de ensino na Amazônia ou em qualquer lugar do mundo.

É confortador perceber que o esforço e energia que temos empreendido para manter não mais um periódico acadêmico, mas um periódico que seja canal de inquietações sociais, tem alcançado relativo êxito, notadamente, pelo interesse que deserta em profissionais/ativistas/intelectuais de instituições e/ou vivências em lugares que ultrapassam fronteiras e trazem diferentes proposições – pontos de partida – para nossas reflexões, nosso desafio de pensar e pensar para promover cisões, não mimeses. Pensar para colocar em dúvida nossas frágeis certezas e aprender com quem tem algo a nos dizer e quer dizer.

Neste volume, Jimmie Durham nos convida para um salto no incômodo de nossos acomodamentos sobre a condição do ser índio nas Américas – Norte, Central, Sul – e isso implica no desafio de ver o que foi tornado invisível por múltiplos mecanismos e certas narrativas; Maria Thereza Alves tripudia com nosso racismo – “cordial”, dissimulado ou escancarado – e faz sangrar a ferida colonial nunca cicatrizada; elegante e certo, Richard Hill, promove uma aula sobre trabalhos de artistas indígenas e sua aguda capacidade de mudar o modo como nos imaginamos e como imaginamos nosso lugar no mundo e como imaginamos o mundo em que vivemos; Gilbert Ndi Shang adentra em uma perspectiva comparatista para pontuar que o duo “excesso” e “escassez” pode ser de grande valia para a compreensão da paradoxal condição colonial e sua herança na América Latina ou na África; Carlos André Melo mostra

APRESENTAÇÃO

que, em “tempos sombrios”, a criatividade é poderosa arma ao jugo opressor, como fizeram grupos teatrais amazônicos que, a exemplo do Teatro Experimental do Sesc – TESC, da cidade de Manaus, rompeu o ostracismo e deixou uma herança de significativa importância para a arte e para a intervenção política; Marcello Messina e Jairo de Araújo Souza, colocam em cheque a narrativa do ideal nacionalista que segrega humanos e não-humanos em fronteiras políticas/econômicas e chamam a atenção para interessantes possibilidades de rupturas em lugares de trânsitos e intercâmbios nas cidades da fronteira amazônico-andina; Maria Betânia Albuquerque e Karen Malar inserem ricas reflexões sobre práticas culturais de populações da Amazônia paraense, focando a festa do “dia da iluminação” ou “dia dos mortos”, momento em que ocupa lugar central o ritual de consumo da “manicuera”, uma beberagem de matriz indígena e seus múltiplos saberes produzidos, transmitidos e preservados pela tradição oral; a partir de leituras de jornais que circularam na Amazônia acreana, nas duas primeiras décadas do século XX, Altaiza Marinho desvenda a produção de um conjunto de estereótipos sobre a condição feminina, especialmente, em torno de narrativas sobre prostituição no Território Federal do Acre, colocando em evidência a necessidade de transgredir as cristalizadas hegemonias da história oficial sobre valores morais aprisionadores e produtores de “corpos sexuais”; por fim, Alexandre Leidens coloca em cena toda uma significativa discussão sobre o papel da escola em comunidades quilombolas e seus enfrentamentos atuais em um Brasil racista e xenófobo.

Candente e provocativo este volume pode propiciar interessantes diálogos sobre os grandes temas dos tempos presentes e traz grandes contribuições aos enfrentamentos que estão colocados para aqueles que fazem de suas experiências profissionais/pessoais um instrumento político na luta não apenas por uma universidade amplamente pública e gratuita, democrática, laica, de qualidade e aberta para todas as pessoas, mas, fundamentalmente, por um mundo melhor e mais justo.

Gerson Albuquerque
Editor